



O CORPO EM MOVIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA PROPOSTA EXTENSIONISTA DE FORMAÇÃO EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL

THE BODY OF THE MOVEMENT IN CHILDHOOD EDUCATION: AN EXTENSION PROPOSAL FOR TRAINING IN TIMES OF SOCIAL ISOLATION

Daiana Camargo - Doutora em Ciencias de la Educación pela Universidade Nacional de La Plata – Argentina. Professora do Departamento de Pedagogia da Universidade Estadual de Ponta Grossa; Editora adjunta da Revista Olhar de Professor-UEPG. Vice-líder do Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Educação Infantil - GEPEEDI (UEPG-Cnpq).

Marilúcia Antonia de Resende Peroza - Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR. Professora do Departamento de Pedagogia da Universidade Estadual de Ponta Grossa e do Programa de Pós-Graduação PPGE/UEPG. Editora da Revista Olhar de Professor-UEPG. Líder do Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Educação Infantil - GEPEEDI (UEPG-Cnpq).

Izabelle Cristina de Almeida - Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Possui Licenciatura em Pedagogia e Educação Física. Integrante do Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Educação Infantil - GEPEEDI (UEPG-Cnpq) e do Grupo de Pesquisa sobre Trabalho Docente - GEPTRADO (UEPG-Cnpq). Professora colaboradora do Departamento de Pedagogia na Universidade Estadual de Ponta Grossa e na Faculdade Sagrada Família.

RESUMO

Neste texto, apresentamos reflexões tecidas durante a realização do curso de extensão “O corpo em movimento na Educação Infantil”, promovido no primeiro semestre de 2020 pelas professoras do Departamento de Pedagogia da UEPG - Universidade Estadual de Ponta Grossa - Paraná. Realizado em contexto pandêmico, na modalidade *online*, objetivou oportunizar reflexões sobre a importância do corpo em movimento na educação de crianças pequenas, relacionando-as com o trabalho pedagógico. A proposta foi realizada por meio de conversas virtuais, como forma de provocar interação e troca de experiências. O curso aconteceu em quatro encontros, e em cada um deles foram abordados temas específicos, com a participação de especialistas da área e professoras da Educação Básica, oriundas de diversas instituições do país, explanando sobre as diversas possibilidades de compreensão do corpo e/em movimento. Foram relatadas pesquisas e experiências cotidianas, o que favoreceu o diálogo e estreitou as relações entre universidade e escola. O curso foi avaliado pelos participantes como um espaço fundamental para repensar a docência e as necessidades das crianças no período pandêmico mediante o Ensino Remoto Emergencial e para além dele, quando pudessem retornar às atividades presenciais. As coordenadoras do curso constataram a abrangência do curso para diferentes regiões do país como um fator relevante para a formação continuada naquele momento.

Palavras-chave: formação de professores; extensão universitária; corpo e movimento.

ABSTRACT

In this text, we present reflections woven from the course “The body in motion in Early Childhood Education”, promoted during the first semester of 2020 by the teachers of Pedagogy of Universidade Estadual of Ponta Grossa – Paraná. Held in a pandemic context, in the online modality, it provided opportunities for reflections on the importance of the body in motion in the education of children, relating them to pedagogical work. The proposal was based on virtual conversations for interaction and the exchange of experiences. The course occurred in four moments, for each meeting-specific topic was addressed, with the participation of specialists in the area and teachers of Basic Education, from different institutions in the country, explaining the various possibilities of understanding the body and/in movement. Research and daily experiences were reported, favoring dialog and strengthening the relationship between university and school.

Keywords: teacher training; university extension; body and movement.

O CONTEXTO, AS NECESSIDADES FORMATIVAS E AS POSSIBILIDADES DO EVENTO EM FORMATO REMOTO

“A dimensão lúdica humana, caracterizada pela liberdade de imaginar, fantasiar e poetizar o mundo, e que está na base de todo o processo de criação, está cada vez mais restrita e institucionalizada” (REDIN, 2009, p. 123).

Iniciou-se o ano letivo e com ele um novo ciclo educativo, no qual emergiram projetos, desejos e expectativas. Assim também aconteceu com o grupo extensionista quanto à formação de professores de Educação Infantil (EI), quando muitos planos foram traçados, uma vez que, ano a ano, vivenciamos a potência da articulação entre ensino/pesquisa/extensão na docência do Ensino Superior.

As fragilidades identificadas no currículo de formação inicial de professores no que diz respeito às crianças, infâncias e práticas pedagógicas na EI e algumas lacunas da formação continuada nos colocaram a buscar na extensão universitária um outro espaço de formação, de fala, de ação dos acadêmicos do curso de Pedagogia e demais professores e profissionais da educação.

A extensão universitária, assegurada na Constituição Federal (BRASIL, 1988), assim como na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96 (BRASIL, 1996), fundamenta a identidade universitária firmada na indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão. Conforme Silva (2020), o conceito de extensão vem sendo construído ao longo do tempo e a partir de diferentes perspectivas e práticas vivenciadas pelas comunidades acadêmicas. A consolidação da extensão como elemento fundante das atividades acadêmicas tem gerado uma identidade para inúmeros projetos, programas e atividades que garantem a interlocução da universidade com a comunidade mais ampla. Isso fez com que, assim como as atividades de ensino e pesquisa, durante a pandemia continuassem a ser realizadas, adotando-se outras formas de organização (MÉLO *et al*, 2021).

No que se refere às propostas extensionistas que vimos desenvolvendo na UEPG, a partir da área da Educação Infantil, desde o ano de 2017 temos realizado ações diversas, enlaçando os temas educação infantil, crianças e formação de professores, sustentados pelas reflexões de Nunes e Silva (2011), autores que destacam a formação qualificada de profissionais que se articulam com as problemáticas sociais, não podem ficar limitadas à transmissão de conhecimentos teóricos.

Em 2020, nem conseguimos nos apropriar das demandas dos acadêmicos e dos desafios do início do ano letivo e já fomos arrebatados pela pandemia de Covid-19. O isolamento social, orientado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) no mês de janeiro de 2020, entrou em vigor no Brasil em março do referido ano, decretado pelo governo federal via Portaria nº 340, para o enfrentamento da emergência em Saúde Pública de importância Nacional decorrente de infecção humana pelo coronavírus. O isolamento/distanciamento social foi entendido como meio para reduzir a progressão e a disseminação do vírus, como informam Pereira et al. (2020) e Werneck e Carvalho (2020). Tal determinação afeta todos os setores da organização social, dentre eles os espaços educativos. Neste contexto, Silva *et al.* (2021, p. 3) ressaltam:

Com o intuito de manter os alunos engajados em atividades acadêmicas durante esse período de pandemia, as universidades precisaram reinventar-se, dando continuidade às atividades curriculares e extracurriculares de modo remoto. Para minimizar questões em atual carência no âmbito social e contribuir para a formação dos discentes e docentes na integração com a comunidade, a extensão universitária, por sua vez, precisou aderir ao ensino remoto.

No contexto da UEPG, as atividades presenciais foram paralisadas no dia 17 de março de 2020, sob a deliberação do Conselho Universitário. O ano letivo foi retomado pelo sistema de Ensino Remoto Emergencial (ERE) no dia 20 de julho de 2020. Essa experiência de atividades de ensino remoto acabou por influenciar a retomada das atividades de pesquisa e de extensão também neste novo formato para estabelecimento de relações.

Sobre este período desafiador de isolamento, Ferreira, Ferreira e Vaz (2021) abordam a organização do ERE, suas particularidades em relação à educação a distância (EaD), os desafios para os docentes e discentes e as questões relacionadas ao acesso às tecnologias e à internet, discutindo com propriedade as ações do momento emergencial. “Nesse cenário, as universidades foram esvaziadas, o que exigiu que gestores e professores, numa construção coletiva, elaborassem um plano capaz de suprir a lacuna do encontro presencial entre professor, aluno e escola”, enfatizam as autoras.

A fim de mantermos o vínculo com os acadêmicos e a comunidade, neste espaço/tempo até a retomada das atividades de ensino presencial, organizamos o curso “O corpo em movimento na Educação Infantil”, vinculado a um projeto de extensão preexistente, que acontecia de forma presencial, a fim de envolver acadêmicos do curso de Pedagogia – UEPG e demais instituições de ensino superior, professores da Educação Básica e outros interessados nas temáticas abordadas.

A fim de apresentarmos o desenvolvimento deste curso de extensão e sua contribuição para a formação de professores, nesse momento tão desafiador para a humanidade, organizamos o texto em quatro seções. Na primeira, abordamos a formação de professores de crianças a partir da extensão universitária. Em seguida, trazemos uma reflexão sobre como pensar a criança e seus direitos mediante as restrições do corpo e do movimento no período da pandemia. Depois, problematizamos o corpo e o movimento das crianças apresentando a organização do curso de extensão. Por fim, trazemos os impactos das ações extensionistas de forma remota e as vozes dos participantes e algumas considerações finais.

FORMAR PROFESSORES DE CRIANÇAS: CAMINHANDO PELA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

O compromisso com a formação de professores, com a comunidade educativa e com as crianças nos impulsionou a pensar o evento com um olhar atento à vulnerabilidade dos

pequenos em isolamento, nos direitos da criança à interação e às brincadeiras e nas possibilidades e particularidades vividas pelos professores ao organizar a prática pedagógica, agora no contexto de ERE.

Com o evento, procuramos oportunizar reflexões sobre a importância do corpo em movimento na educação infantil, relacionando-as com o trabalho pedagógico. Pensamos ser necessário problematizar as formas de vivenciar situações envolvendo a ludicidade, a corporeidade e a arte por meio de interações *online* e de dialogar com professores da Educação Básica, estreitando as relações entre universidade e escola.

Ainda que, até então todas as nossas atividades de extensão tivessem sido organizadas de forma presencial, nos sentimos desafiadas e provocadas a encontrar outras formas de estabelecer o contato e as interações com as professoras e equipes gestoras da Educação Básica, de modo especial, da Educação Infantil. Assim, desenvolvido na modalidade remota, o evento foi realizado via *Google Meet* e a sua divulgação se deu por meio das redes sociais e grupos de *WhatsApp*. Quanto à metodologia, a proposta se caracterizou como uma roda de conversa, que permitiu a interação e a troca de experiências entre acadêmicos e professores, suscitando reflexões sobre o espaço do corpo em movimento na Educação Infantil.

No que se refere aos palestrantes convidados, ressaltamos a pluralidade de realidades de atuação das professoras. Neste espaço de diálogo, entraram na roda as vozes de pesquisadoras, professoras da Educação Básica e gestoras de instituições de Educação Infantil. Neste sentido, a escolha de palestrantes dos mais diversos contextos fortalece os vínculos e reforça a importância da parceria nas ações extensionistas.

As parcerias na extensão são destacadas com propriedade nos escritos de Gutierrez, Coelho e Barschak (2020), em que as autoras enfatizam a relação dialógica para além do público-alvo da extensão, abordando o valor de parcerias com instituições que abrigam ou que permitem contato direto com outras propostas extensionistas.

Ninguém faz nada sozinho e, na extensão, isso se torna uma verdade absoluta, de modo que encontrar estas parcerias e mantê-las é de suma importância, pois isso qualificará o trabalho desenvolvido. Sim, as parcerias são a chave do sucesso, e, ao contrário do que se possa imaginar, muitos são aqueles que se esforçam para construir uma realidade melhor para si e para os outros (GUTIERREZ; COELHO; BARSCHAK, 2020, p. 26).

Tais parcerias se efetivaram, no contexto do evento proposto, ao nos colocarmos em diálogo com as convidadas, com as Secretarias Municipais de Educação de diversos municípios, que nos auxiliaram na divulgação da proposta, com professoras de Educação Infantil de várias regiões do país que, via grupos de conversa, compartilharam o convite para o evento, o que permitiu atingirmos um público amplo e diverso.

A escolha pelas temáticas dos encontros tomou como base o momento vivenciado. Considerando que a Educação Infantil apresenta especificidades, ampliamos o olhar para as práticas desenvolvidas com as crianças neste momento. O ensino remoto, a distância, a falta de interações e brincadeiras tornaram-se um desafio grande aos professores. Ainda que remotamente e distantes, não poderíamos desconsiderar e regredir nas práticas propostas que considerem o protagonismo infantil. Desta forma, os quatro encontros apresentaram a relação entre a Ludicidade, a Corporeidade e a Arte, trazendo reflexões importantes sobre propostas que potencializam a infância, mesmo que em um momento tão atípico.

Neste unir de forças, o evento tomou proporções maiores do que as esperadas. Contamos com mais de três mil inscritos e, durante os encontros, obtivemos uma média de mil acessos simultâneos. Os vídeos estão disponíveis no canal do Departamento de Pedagogia – UEPG no

YouTube (link de acesso: <https://www.youtube.com/c/DepartamentodePedagogiaUEPG>).

Com relação ao perfil dos participantes, contamos com um número expressivo de acadêmicos do curso de Pedagogia da UEPG e de outras instituições de ensino superior, de acadêmicos de outras licenciaturas, como Arte e Educação Física, assim como uma grande participação de professores e gestores da Educação Básica, de diferentes cidades e regiões do país.

EM TEMPOS DE ISOLAMENTO, COMO PENSAR AS CRIANÇAS E OS SEUS DIREITOS?

Um dos elementos que nos provocaram a propor um evento de extensão com a temática do corpo e do movimento na educação da infância foi perceber, nos relatos de professoras parceiras de estágios e de nossas acadêmicas atuantes na Educação Básica, o quanto as crianças estavam sofrendo neste tempo de pandemia, devido aos espaços restritos de convivência e mobilidade.

Dentre suas angústias, apareciam as preocupações sobre as aulas no sistema remoto, que restringiam seus corpos à dimensão das telas, e o fato de o contato com outras crianças e adultos passar a ser mediado pelas tecnologias.

Em nossas práticas na formação de professores, temos defendido a ideia de que, desde muito pequena, a criança estabelece uma comunicação com o meio pelos movimentos corporais, por meio dos quais se aproxima dos outros, expressa suas necessidades, conhece e apreende a realidade. De acordo com Wallon (2015), o desenvolvimento da criança se constitui pela inter-relação entre os fatores biológicos e o contexto social em que o indivíduo está inserido. Neste caso, o ambiente, a linguagem e os elementos simbólicos da cultura são apreendidos e expressos no corpo, revelando suas interpretações e necessidades. Nos bebês e crianças pequenas, a linguagem se evidencia em balbucios, olhares, expressões corporais, silêncios, choro e tantas outras formas. Nas crianças maiores, por meio da linguagem oral, dos traços, da escrita, gestos, dentre outros. Para todas elas, as interações corporais e os movimentos são linguagens essenciais para o desenvolvimento integral de todas as suas potencialidades.

Nesta perspectiva, a inércia das crianças, os contatos restritos com outras crianças e adultos, a distância dos espaços de convívio social e o limite do corpo ao espaço interno dos lares, na maioria das vezes diante de telas, levaram-nos a refletir sobre as inúmeras violações de direitos a que elas estavam expostas neste tempo pandêmico. Também, como essa nova forma de interação poderia incidir sobre o seu desenvolvimento.

Tomando como referência os direitos das crianças, passamos a pensar como elas estavam sendo impactadas por essas mudanças e como poderíamos mobilizar nossos conhecimentos e redes de articulação para garantir ao máximo seus direitos. O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (BRASIL, 1990) estabelece, em seu artigo 4º, que “é dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária”. Entendemos que cabia a cada um de nós empenhar esforços para minimizar os efeitos que a pandemia pudesse gerar nas crianças.

Assim, pensamos em uma proposta de discussão em que fossem apresentadas alternativas que fundamentassem práticas pedagógicas mais significativas para as crianças. Em nossa compreensão, para libertar o corpo da criança, ainda que dentro do espaço doméstico, era necessário libertar os professores de um olhar já cristalizado nos modos de educar no ambiente das instituições. Era preciso trazer o professor para pensar outras perspectivas pedagógicas. Essa iniciativa, por sua vez, exigia uma ação fundamentada teoricamente e aberta, a ponto de

oferecer novas perspectivas práticas.

POR QUE CORPO E MOVIMENTO? ALGUMAS PROBLEMATIZAÇÕES

Com base na caminhada em ensino, pesquisa e extensão, entendemos que, na Educação Infantil, as propostas precisam ter a finalidade de promover o desenvolvimento global da criança. Sendo assim, nesta fase, a criança quer explorar o espaço à sua volta e precisa se movimentar, mas para isso ela necessita vivenciar diferentes sensações, provocadas por diferentes movimentos, em um ambiente organizado pelo adulto, que lhe proporcione a oportunidade de transformar, adaptar, criar, interagir, integrar-se e desenvolver todo o seu potencial.

No que tange ao papel do adulto, os estudos de Camargo (2018) ressaltam a importância de que, durante a formação inicial no curso de Pedagogia, se tenha em conta a percepção deste professor em formação diante do que entende por ensinar crianças. Problematizar seu modo de entender as crianças, suas práticas, se estas funcionam com princípios de diversidade, autonomia, emancipação, ou de modo a docilizar, controlar e vigiar as crianças. Ao tratarmos de docilizar, recorreremos a Foucault (2007, p. 118), quando define como dócil “um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”.

Quanto ao corpo em movimento e as relações com o brincar, as práticas, os tempos e os espaços na EI, retomamos as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEIS (2009), que ressaltam que

[...] brincar dá à criança oportunidade para imitar o conhecimento e para construir o novo, conforme ela reconstrói o cenário necessário para que sua fantasia se aproxime ou se distancie da realidade vivida, assumindo personagens e transformando objetos pelo uso que deles faz (BRASIL, 2009, p. 7).

A partir desta premissa, contida no documento de caráter mandatório para as práticas desenvolvidas na EI, demarcamos que estes personagens, esta transformação dos objetos, acontecem por meio da experiência, do corpo em movimento, do contato e da interação com o mundo e com o outro, consigo e com a cultura.

A experiência do brincar, a interação do corpo e do movimento, para que seja plena, viva, completa, necessita de tempo, espaços, recursos e principalmente interações, relações que permitam brincar. A criança brinca em diferentes situações, com ou sem brinquedos, (CAMARGO, 2018, p. 118)

A BNCC (BRASIL, 2017) enfatiza o papel do corpo infantil no contato com o mundo, sendo essencial para a construção de sentidos pelas crianças. Por meio do corpo, as crianças estabelecem relações, expressam-se, brincam e produzem conhecimentos de si e do mundo, tornando-se progressivamente conscientes de sua corporeidade. O termo *corporeidade* pode ser entendido como o corpo em movimento, aquele que é dotado de motricidade, sensibilidade e transcendência; que busca a vida num determinado tempo histórico e cultural. O ser criança é corporalmente tudo isto ao mesmo tempo.

Destacamos as linguagens (música, dança, teatro, brincadeiras de faz de conta) que possibilitam às crianças que se comuniquem e se expressem no entrelaçamento entre corpo, emoção e linguagem. O conhecimento e consciência do próprio corpo devem ser trabalhados, de forma que a criança conheça seus limites e potencialidades, assim como desenvolva atitudes favoráveis à sua integridade física.

Todas as crianças precisam brincar, manipular objetos, experimentar, pois a infância é um

período muito intenso de atividades: as fantasias, as brincadeiras e os movimentos corporais são repletos de significados.

Entendemos que as práticas pedagógicas estão diretamente relacionadas à formação do educador como pessoa e profissional. Oportunizar espaço para as brincadeiras, resgatar o lúdico e o corporal é respeitar a infância, suas capacidades interativas e imaginativas. Sendo assim, o corpo do professor e da criança devem estar integrados em um ambiente criativo, repleto de sensações, experiências e aprendizagens. Ao discutir sobre a formação de professores, Brustolin (2009, p. 78) ressalta:

Conscientizar-se das sensações do corpo e seus limites, e expressar-se através dele, são maneiras que contribuem para o indivíduo percebê-lo enquanto forma de se comunicar e interagir com o mundo. Através do corpo, ele é capaz de se expressar e mostrar seus desejos, anseios e sentimentos, tornando pública uma personalidade individual e contida. Na formação de futuros/as docentes, perceber o corpo como expressão de si e como forma de interação com o mundo possibilita a maior compreensão das interações que irão ocorrer entre seus corpos e de seus/as alunos/as na escola.

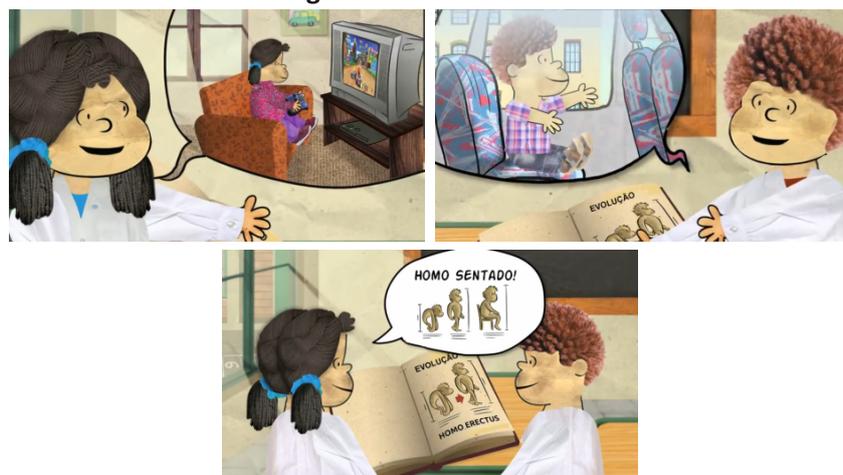
Na esteira das reflexões de Brustolin (2009), nos preocupamos com o contexto dos corpos das crianças em isolamento, da formação de professores de crianças diante do distanciamento social em decorrência da pandemia. Professores e crianças, agora reclusos, e acadêmicos em contato virtual com os professores, nos desafiaram a pensar possibilidades de instigar vivências e reflexões sobre o corpo em movimento. Buss- Simão e Lessa (2020, p. 1434) problematizam:

Uma grande implicação do isolamento e distanciamento social, na vida de todas as pessoas, é o impedimento do encontro, das relações sociais e, no caso das crianças, o encontro diário com seus pares no coletivo da educação infantil, restringindo-se ao espaço da casa, de seu convívio mais restrito no grupo domiciliar e, muitas vezes, apenas com pessoas adultas. O que até então se constituía em uma característica fundamental da infância: a obrigatoriedade de frequência das crianças a uma instituição educativa (creche, pré-escola e escola) passa a ser agora, na pandemia, uma interdição, um risco à vida, assumindo um outro sentido para as crianças.

Este corpo, já regulado em diversas situações e propostas na escola, agora está isolado de suas interações. Aqui nos remetemos à série de vídeos intitulada “Brincar com os olhos de criança¹”, disponibilizada pelo Instituto Arcor Brasil² (Fig. 1), criada com base nos desenhos do pedagogo italiano Francesco Tonucci.

¹ A partir do conceito de que brincar é fundamental para o desenvolvimento integral da criança, envolvendo as dimensões corporal, psicológica e cognitiva da criança, a campanha contém cinco vídeos (Fonte: YouTube).

² Site: <https://www.institutoarcor.org.br>

Figura 1 - *Homo sentado*

Fonte: YouTube - Instituto Arcor Brasil

A potência das ilustrações apresenta um diálogo entre crianças que analisam a evolução humana e destacam que somos “*Homo sentado*”. Entendemos que, neste momento de reclusão, se faz mais intensa a necessidade de reflexão quanto a este corpo e o que com ele podemos e fazemos. Esta alusão ao “*Homo sentado*” nos traz à tona a obra de Huizinga (1990), *Homo Ludens*, na qual problematiza o conceito de *Homo Sapiens*, afirmando que na relação com a cultura e intrínseco a ela, nos constituímos no lúdico, no jogo, na brincadeira, na arte popular, na fantasia. O corpo em movimento nos permite sermos humanos em interação com as coisas, os outros, a sociedade.

Com relação à proposta desenvolvida no curso de extensão, apresentamos no quadro 1 os temas desenvolvidos nos quatro encontros propostos.

Quadro 1 - Programação geral dos encontros remotos

Data	Tema
26/06/2020	Educação Infantil em tempos de pandemia: os desafios da educação remota.
03/07/2020	Práticas com bebês e crianças bem pequenas
10/07/2020	O brincar corporal na Educação Infantil
17/07/2020	Educação Infantil: corpo, movimento e arte

Fonte: As autoras, 2020

Com base nas temáticas desenvolvidas no curso, tecemos a seguir algumas considerações sobre o envolvimento dos participantes e o que nos dizem sobre sua experiência e aprendizagem.

OS IMPACTOS DAS AÇÕES EXTENSIONISTAS EM MBITO REMOTO E AS VOZES DOS PARTICIPANTES

No intuito de compreendermos quais as contribuições do curso de extensão “O corpo em movimento na Educação Infantil”, apresentamos algumas discussões construídas com base nos registros avaliativos em diálogo com teóricos do campo da Pedagogia, apontando as contribuições deste campo para a formação de professores. Ressaltamos que, mesmo de forma *online*, a prática do diálogo foi muito importante. Tais reflexões proporcionam novas formas de ver e pensar a infância, atuando na formação tanto inicial (acadêmicos) quanto continuada, como um espaço de desconstrução e construção de novas concepções, que refletem diretamente na

prática pedagógica.

As interações via *chat* foram intensas e demonstraram a necessidade de discussão e partilha de experiências neste momento de angústia e incertezas para muitos participantes. Para muitos, um momento de acalento e esperança, buscando novas possibilidades diante dos desafios que estavam enfrentando.

Considerando a prática pedagógica na perspectiva do corpo em movimento, ressaltamos as atividades lúdicas e corporais como possibilidades de ações pedagógicas que devem permear o cotidiano da Educação Infantil e as ações do educador. Como aponta Almeida (2018), no ato de brincar da criança há um ser expressivo, um corpo que se movimenta e precisa estar integrado às demais ações do cotidiano escolar.

A proposta do evento tinha como finalidade uma roda de conversas *online*, para interação e troca de experiências, visando oportunizar aos acadêmicos, professores e gestores participantes reflexões sobre o espaço do corpo em movimento na Educação Infantil.

Disponibilizamos aos participantes, ao final de cada encontro, um formulário *online* para registro de presença, com a finalidade de certificação, que continha também questões descritivas que indagavam sobre a temática do encontro, as expectativas, as impressões dos participantes ou suas trajetórias de formação sobre o tema proposto.

Para este relato, optamos pelo formulário do encontro denominado “O corpo em movimento na Educação Infantil”, que contou com a participação simultânea de 129 pessoas e registra atualmente 7,3 mil visualizações no vídeo, disponibilizado na plataforma *YouTube*. Os dados analisados correspondem à questão: Relate os aspectos que mais lhe chamaram a atenção nesta discussão.

Por meio das avaliações enviadas pelos participantes, foram relatadas as contribuições do evento para a formação dos professores e reflexões sobre a prática pedagógica daqueles que já atuam na escola, uma valorosa experiência de diálogos entre universidade e escola, estreitando as relações. A participação de convidados de diferentes regiões e realidades possibilitaram reflexões, trocas de experiências e possibilidades para o trabalho pedagógico. Tendo em vista as 1.412 respostas analisadas, buscamos uma amostra aleatória que pudesse refletir, de forma geral, as percepções do grupo. Utilizamos a palavra “Participante”, seguida do número da ordem das respostas, para caracterizar os cursistas respondentes.

Submetemos o texto obtido nas respostas ao tratamento no *software* Iramuteq³, a fim de sistematizarmos os dados obtidos e visualizarmos com maior clareza o que nos dizem os cursistas. As 1.472 respostas deram origem ao *corpus* textual, em que alguns termos foram agrupados e reorganizados por temática e sentido. Para a leitura do *software*, as palavras compostas foram unidas por “_” para permitir a leitura do *software*, como apresentamos no quadro 2, a seguir.

³ O IRAMUTEQ é um *software* gratuito e desenvolvido sob a lógica da *open source*, licenciado por GNU GPL (v2). Ele ancora-se no ambiente estatístico do *software* R e na linguagem *python* (<http://www.python.org>) (CAMARGO; JUSTO, 2013).

Ao desenvolver o agrupamento por meio de uma nuvem de palavras, o aplicativo aponta e destaca as palavras que foram mais citadas durante as falas dos participantes. Fica visível a palavra *criança* ao centro da nuvem.

Consideramos que, na Educação Infantil, as propostas devem ser pensadas com o objetivo de promover o desenvolvimento global das crianças. Ao refletir sobre a criança, consideramos que ela é:

[...] sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2009).

A concepção apresentada nas DCNEIS (2009) nos aponta para a urgência de pensar a criança levando em conta suas especificidades, assim como o papel do adulto ao organizar um ambiente pensado para/com as crianças, que lhes proporcione a oportunidade de agir, transformar, criar, interagir, brincar e desenvolver-se, em todo o seu potencial. A fala dos participantes traz reflexões sobre este espaço:

Com o tempo, as próprias crianças inventam outros modos de organização nos espaços e com os brinquedos de maneira a reproduzir o que ensinamos e produzir outras formas de pensar e viver o brincar! Por isso é importante ter um espaço amplo pra criança poder explorar, brincar, conhecer seu próprio corpo (Participante 16).

Sendo assim, nesta fase a criança precisa interagir, experimentar, se movimentar, explorar o espaço à sua volta e vivenciar diferentes sensações provocadas por diferentes movimentos. Outras palavras que aparecem em destaque são *brincar* e *brincadeira*. Quando falamos de criança, podemos afirmar que o brincar é fundamental. Como aponta Fortuna (2011, p. 107):

Brincar é uma atividade fascinante: até quando ocorre entre os animais, desperta curiosidade e interesse nos humanos. Quando observada nos seres humanos, comove, emociona, intriga e diverte, quer pelo mistério que sugere, dada a aparência cifrada que possui, quer pelas lembranças infantis que suscita no observador e pela surpresa que oferece, fazendo rir.

Ressaltamos as falas dos participantes quando destacam a importância do brincar e de que forma o evento contribuiu para instigar e repensar as práticas na Educação Infantil. Um participante relata: “Me chamou muito a atenção a importância do brincar. Já sabemos dela, mas diante de tantas provocações, de tantas outras experiências, vivências, essa ideia só aumenta e vai nos trazendo muito mais significados” (Participante 5).

Compreendemos que as crianças constroem sua realidade pela interação e pelas experiências com o meio em que vivem. Quanto mais intensas forem as suas vivências, mais potentes são as suas aprendizagens.

A palavra *corpo* é citada pelos participantes e destaca-se na nuvem de palavras. Não se pode pensar em desenvolvimento integral da criança sem a inserção do corpo, como aponta uma das participantes do evento: “Criança é brincar e brincar é corpo em movimento!” (Participante 59).

Para Garanhan (2002), o corpo em movimento constitui a matriz básica da aprendizagem pelo fato de gestar as significações do aprender, ou seja, a criança transforma em símbolo aquilo que pode experimentar corporalmente. Seu pensamento se constrói, primeiramente, sob a forma de ação.

Portanto, na Educação Infantil, o corpo e o brincar estão interligados. Compreendemos que,

para se desenvolver de maneira plena, a criança precisa ter espaço para se expressar livremente. Moyles (2002, p. 124) enfatiza a importância do papel do adulto como capacitador e promotor do brincar. Embora o ambiente de brincar livre tenha potencial para estimular a aprendizagem efetiva, ele precisa ser cuidadosamente estruturado e organizado com intencionalidade por um adulto. Aqui ressaltamos o papel do professor, que também aparece em destaque na nuvem.

Camargo (2013, p. 65) destaca a necessidade de um olhar criterioso sobre o educador e sua compreensão sobre a criança, o corpo, o lúdico, bem como a sua concepção e utilização do brincar e do movimento.

Das falas dos participantes, emergem frases como “A professora tem que ter um olhar especial” (Participante 21) e “A importância da observação do professor” (Participante 37), que rompem com a visão adultocêntrica, bastante presente ainda nas práticas docentes. Freire (1996) nos lembra que a observação busca romper com esse modelo autoritário e torna-se uma ferramenta básica neste aprendizado da construção do olhar sensível e pensante, um olhar que envolve atenção e presença.

A autora destaca que o ver e o escutar também fazem parte do processo de construção desse olhar. Por isso a relevância de uma escuta atenta e um olhar sensível às necessidades e potencialidades da infância.

Outra reflexão importante de uma participante:

Acredito que estas novas descobertas a respeito do brincar corporal, deixar as crianças se desenvolverem sozinhas, sem interferências de adultos, é um assunto que está se desenvolvendo e ganhando muita força atualmente. Eu particularmente já trabalho e defendo muito a autonomia da criança. Esta discussão me fez ter certeza da seriedade do trabalho que venho desenvolvendo. Infâncias valorizadas! (Participando 19).

Segundo Gomes (2009), para que um educador organize um trabalho educativo fundamentado em processos culturais, de desenvolvimento e aprendizagem adequados para as crianças, é indispensável que tenha acesso a espaços de aprendizagens e reflexões, com uma postura contínua de aprendiz. Assim, a formação traz elementos importantes para repensar a infância e as práticas, como aponta outro participante:

Muito boa a discussão, porque valoriza um trabalho contínuo sem cultuar a ideia das datas comemorativas, que muitas vezes compartimentam o saber e não fazem sentido para as crianças, além de proporcionar discussões sobre a aprendizagem de crianças pequenas em que não costuma ser valorizada em muitos cursos e formações da própria Educação Infantil (Participante 68).

Por fim, Fortuna (2001) enfatiza o papel do adulto e a sua responsabilidade em fazer viver o brincar e, assim, perpetuá-lo. Desta forma, a formação de professores é um espaço constante de busca e construção de concepções e práticas que valorizem a infância, a criança e suas múltiplas linguagens.

AO FIM, APRESENTAMOS ALGUMAS REFLEXÕES

Do planejado ao inesperado... Muito aprendemos, desaprendemos, criamos outras formas de estarmos próximos da comunidade, do processo educativo de crianças (acontecendo longe da escola), da formação dos futuros professores ora paralisada, ora acontecendo via Ensino Remoto Emergencial.

Migramos ao virtual, nosso contato extensionista aconteceu via tela, muitas telas, que nos

colocaram em diálogo com pessoas, realidades e contextos educativos diversos. Sustentadas pelo desejo de falar sobre as crianças, seus corpos, seus brincar e não brincar, o curso aconteceu. Demarcamos a riqueza das discussões que acompanhamos nos chats de discussão no *YouTube*, na potência das indagações e reflexões de professores e estudantes que acompanharam a formação.

Tais vozes nos aproximavam das realidades vividas pelos professores no período de isolamento: o desafio do brincar mediante a tela, as propostas encaminhadas para as famílias pensadas para a garantia do direito do brincar, o contato com pais e responsáveis para garantir o vínculo, a preocupação em propiciar momentos de troca e conversa, de instigar a curiosidade e o construir conhecimento.

Assim, como destacam os participantes, a formação de professores (inicial ou contínua) é essencial e faz-se num movimento de constante busca e desconstrução de práticas que desvalorizam a infância e as linguagens infantis, para dar espaço a propostas que oportunizam o corpo em movimento como forma de comunicação e expressão da criança, em suas múltiplas linguagens. Desta forma, destacamos esse evento como um espaço de reflexão e formação dos acadêmicos, professores e gestores envolvidos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, I. C. de. **O corpo em movimento na Educação Infantil**: análise da prática pedagógica nos complexos educacionais da rede municipal de ensino de Ponta Grossa/PR. 2018. 172 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2018.

BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 16 jul. 1990.

BRASIL. Lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, ano 134, n. 248, p. 27.833-27.841, 23 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. Portaria nº 340, de 30 de março de 2020. Estabelece medidas para o enfrentamento da Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional decorrente de infecção humana pelo novo coronavírus (COVID-19), no âmbito das Comunidades Terapêuticas. **Diário Oficial da União**, Brasília, 30 mar. 2020. Disponível em: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-340-de-30-de-marco-de2020-250405535>. Acesso em: 27 jun. 2022.

BRUSTOLIN, Gisela Maria. **Aspectos da educação do corpo no currículo de pedagogia**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – UNICAMP. Campinas, 2009.

BUSS-SIMÃO, Márcia; LESSA, Juliana Schumacker. Um olhar para o(s) corpo(s) das crianças em tempos de pandemia. **Revista Zero-a-Seis**, Florianópolis, n. especial, p. 1420-1445, dez., 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2020v22nespp1420>. Acesso em: 27 jun. 2022.

CAMARGO, Brígido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas Psicol.**, Ribeirão Preto, v. 21, n. 2, p. 513-518, dez. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.9788/TP2013.2-16>. Acesso em: 27 jun. 2022.

CAMARGO, Daiana. **Um olhar sobre o educador da infância**: o espaço do brincar corporal na

prática pedagógica. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, 2011.

CAMARGO, Daiana. **Juego, cuerpos y movimiento en la formación de los profesores de educación infantil**: de los caminos a las posibilidades en el curso de pedagogía. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) - Universidade Nacional de La Plata. Faculdade de Humanidades e Ciências da Educação, 2018.

FERREIRA, Fabiane Ribeiro; FERREIRA, Érica de M. R.; VAZ, Daniela V. Extensão universitária na interface virtual: estratégias de aprimoramento docente e discente do curso de fisioterapia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). **Medicina**, Ribeirão Preto, v. 54, n. supl. 1, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rmrp/article/view/184783>. Acesso em: 30 jun. 2022.

FORTUNA, Tânia Ramos. **A formação lúdica docente e a universidade**: contribuições da ludobiografia e da hermenêutica filosófica. 2011. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARANHANI, Marynelma Camargo. Educação física na escolarização da pequena infância. **Pensar a Prática**, v. 5, p. 106-122, jul./jun. 2001-2002.

GOMES, Ana Maria Rabelo. Outras crianças, outras infâncias? *In*: SARMENTO, Manuel Jacinto; GOUVEIA, Maria Cristina S. de (org.). **Estudos da Infância**: educação e prática sociais. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 82-96.

GUTIERREZ, Lucila Ludmila Paula; COELHO, Débora Fernandes; BARSCHAK, Alethéa Gatto. Covid-19: reflexões sobre desafios e caminhos encontrados na extensão universitária. *In*: GUTIERREZ, Lucila Ludmila Paula; COELHO, Débora Fernandes; BARSCHAK, Alethéa Gatto. **Extensão universitária da UFCSPA**: reinvenção em tempos de pandemia. Porto Alegre: Ed. da UFCSPA, 2021.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**: o jogo como elemento cultural. São Paulo: Perspectiva, 1990.

INSTITUTO ARCOR BRASIL. **Brincar com os olhos de criança**. YouTube, 2018. Disponível em: <https://youtu.be/2VfhTxAeLEY>. Acesso em: 28 out. 2022.

MÉLO, Cláudia Batista *et al.* University extension in Brazil and its challenges during the COVID-19 pandemic. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 3, p. e1210312991, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/12991>. Acesso em: 28 out. 2022.

MOYLES, Janet R. **Só brincar?**: o papel do brincar na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2002.

NUNES, Ana Lucia de Paula Ferreira; SILVA, Maria Batista da Cruz. A extensão universitária no ensino superior e a sociedade. **Mal-Estar e Sociedade**, Barbacena, ano 4, n. 7, p. 119-133, jul./dez. 2011.

PATRÍCIO DELGADO, A. *et al.* O projeto “pedagogia na quarentena”: contextos e contrastes educativos em meio à pandemia. **Revista Extensão & Cidadania**, v. 9, n. 16, p. 81-94, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22481/recuesb.v9i16.8755>. Acesso em: 10 jun. 2022.

PEREIRA, M. D. *et al.* The COVID-19 pandemic, social isolation, consequences on mental health

and coping strategies: an integrative review. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 7, p. 1-35, 2020.

PIRES DA SILVA, W. Extensão universitária: um conceito em construção. **Revista Extensão & Sociedade**, [S. l.], v. 11, n. 2, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/extensaoesociedade/article/view/22491>. Acesso em: 28 out. 2022.

REDIN, Marita Martins. Crianças e suas culturas singulares. *In*: MULLER, Fernanda; CARVALHO, Ana Maria Almeida (org.). **Teoria e prática na pesquisa com crianças**: diálogos com William Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009.

SILVA, Thalia Santos *et al.* Relato de experiência do Projeto de Extensão Universitária Remota: readaptações – um olhar resiliente em meio à pandemia. **Research, Society and Development**, v.10, n. 8, 2021.

WALLON, Henri. **Do ato ao pensamento**: ensaio de psicologia comparada. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

WERNECK, Guilherme Loureiro; CARVALHO, Marília Sá. A pandemia de COVID-19 no Brasil: crônica de uma crise sanitária anunciada. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, n. 5, p. 1-4, 2020. Disponível em: <HTTP://10.1590/0102-311X00068820>. Acesso em: 28 out. 2022.

Data de recebimento: 07/08/22

Data de aceite para publicação: 23/11/22